

## Noticiário

### Destaque

**Band News FM - 12/12/2005 - 16 horas**

**Alcance: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador**

**Entrevista, ao vivo, de Claudio Sales ao apresentador Eduardo Barão**

As maiores empresas privadas hidrelétricas de geração de energia ameaçam ficar fora do primeiro leilão federal de compra de energia nova.

Nós estamos aqui com o presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica, Claudio Sales.

**Eduardo** - Boa tarde!

**Claudio** - Boa tarde, Eduardo.

**Eduardo** - Por que esta decisão, por que não há este interesse?

**Claudio** - O leilão compreende três fases. A primeira fase é a em que concorrem investidores interessados em construir uma das usinas hidrelétricas, cuja concessão está sendo ofertada agora. Para essas hidrelétricas, o governo estabeleceu um teto, tarifa de R\$ 116,00, valor longe do estimado por estudos de analistas financeiros e empresas, insuficiente para remunerar eficientemente esses empreendimentos. Talvez para três ou quatro empreendimentos de menor porte isso seja possível, mas seguramente não para a totalidade deles.

**Eduardo** - Seria um erro estratégico do governo, então?

**Claudio** - Acredito que sim, até porque o preço definitivo da energia, que será pago pelo consumidor, será o resultante da terceira fase. É, na terceira fase, vão competir tantas essas usinas hidrelétricas novas, que venham a ser construídas, quanto usinas térmicas, cujo preço é seguramente mais alto do que esses R\$ 116,00. Então, pode acontecer um paradoxo: um teto muito baixo na primeira fase, de R\$ 116,00, pode fazer com que alguns investidores interessados fiquem de fora da competição; porém, na terceira fase, o preço final, em ambos os casos, pode ficar acima desses R\$ 116,00. Ou seja, em uma condição em que se soubesse antes, o investidor teria podido participar e, através da competição, aumentar inclusive a eficiência para o consumidor.

**Eduardo** - Agora, sr. Claudio, isso pode ser uma pedra enorme no caminho dos investimentos, principalmente em infra-estrutura, no próximo ano. Afinal de contas, pode haver falta de energia, ou, pelo menos, a energia ficar mais cara.

**Claudio** - O que está acontecendo é uma situação bastante interessante aqui no Brasil porque, no momento, existe ainda um excesso de oferta. Todos sabem que a partir de 2009 é que se precisará contar com novas usinas que venham a ser construídas. Mas a lógica é simples: se você faz com antecedência, possivelmente vai fazer melhor e mais barato. O que está-se discutindo agora é que se criar condições de preços artificialmente baixos desencoraja investimentos que poderiam estar provendo energia mais eficiente e mais barata no futuro. Nós temos uma situação de apreensão, ou de ameaça, no que diz respeito ao custo de energia para o brasileiro no futuro, e com relação ao abastecimento neste período, de agora até 2009, 2010. Aí, por outras razões, mas que de fato, você tem razão, são razões que apresentam aumento do risco de desabastecimento ao longo deste período.

**Eduardo** - Mas só no futuro, um futuro próximo, só a partir de 2008, digamos assim, ou a coisa pode realmente se complicar no ano que vem?

**Claudio** - No ano que vem é muito pouco provável. Muito pouco provável porque, basicamente, a demanda de energia brasileira está sendo suprida pelas usinas atualmente existentes e mais aqueles projetos que estão ficando prontos este ano e no próximo ano também. Porém, em 2008, no final de 2008, já será necessário contar com usinas termelétricas rodando a plena carga, usinas que já existem. O problema, identificado pelos analistas, é que nós temos uma ameaça no que diz

respeito ao abastecimento de gás para estas usinas, fazendo com que não se tenha segurança de poder contar com elas quando necessário.

**Eduardo** - Sr. Claudio, para finalizar nossa entrevista aqui na Band News FM, qual seria a solução então? O leilão já está marcado para sexta-feira, teria que haver uma mudança neste valor indicado pelo governo federal? É possível que isto aconteça? Ou o leilão vai ser um fracasso e daí para frente poderá se buscar outra alternativa?

**Claudio** - Acho difícil que mudem isso nessa altura do campeonato. Nós temos batido nesta tecla há algum tempo, estamos sendo realistas e não mudaram até agora. Então, provavelmente, vão insistir nesta posição, que, aliás, vem totalmente ao contrário do que pratica o Chile, que está fazendo um leilão que, provavelmente, vai ser muito bem sucedido. No Chile, se estabeleceu um teto bem mais alto, na faixa de sessenta dólares. A expectativa do leilão, porque haverá muita competição, é que este preço caia para, aproximadamente, trinta dólares. Aqui, está-se fazendo um leilão cheio de artificialidades, incompleto. Até sexta-feira passada estavam saindo detalhes de novas regras. Isso deixa o mercado apreensivo e sem segurança sobre o desdobramento. Não é possível se fazer uma análise lógica do que vai acontecer. Então, esta é uma situação que a gente lamenta e que pode ter como resultante que a quantidade de usinas realmente novas que venham a ser construídas, principalmente hidrelétricas, seja muito menor do que seria ideal para um país como o nosso, com tantos recursos e com facilidade de fazer usinas hidrelétricas de bom porte e mais eficientes.